O olhar do professor para a cultura indígena em sala de aula: uma pesquisa sobre práticas docentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental

The teacher's look at indigenous culture in classroom: a research on teaching practices in the initial years of fundamental teaching

Ana Carolina Ribas 1*
Bianca Soares Oliveira 2*
Camila Aparecida Gubaua 3*
Gisele da Rocha Reis 4*
Helton Roberto Real 5*

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo sobre práticas curriculares e metodológicas desenvolvidas em escolas públicas e privadas, no contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo é analisar como ocorre o trabalho da cultura indígena em sala de aula, na perspectiva dos professores. Para o desenvolvimento metodológico do estudo, de abordagem quantitativa e qualitativa, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e de campo Marconi & Lakatos (1996, 2008), durante o segundo semestre de 2016. Foram distribuídos quinze questionários, em escolas do município de Curitiba/PR, contendo dez questões objetivas acerca das perspectivas dos professores e suas práticas em relação à cultura indígena. Para a pesquisa histórica e documental no quesito influência da cultura indígena no Brasil, utilizou-se os autores Fausto (1996), Cooper (2006), Luporini (2015), e documentos oficiais Brasil (2008), Curitiba (2006, 2010). Sobre as orientações metodológicas para o professor e formação continuada, utilizou-se Bastos (2005), Freire (1996), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Na parte final deste trabalho, na exposição dos resultados, destaca-se que a formação continuada para o professor atender à

diversidade cultural indígena, se faz necessária para que desta forma a aprendizagem seja significativa para o estudante.

Palavras-chave: currículo. formação de professores. diversidade. cultura indígena.

*1 Graduanda em Pedagogia, Faculdade Padre João Bagozzi, Brasil, carolinaribas2@hotmail.com.
*2 Graduanda em Pedagogia, Faculdade Padre João Bagozzi, Brasil, biancasoares3126@gmail.com.
*3 Graduanda em Pedagogia, Faculdade Padre João Bagozzi, Brasil, camila.gubaua@gmail.com.
*4 Graduanda em Pedagogia, Faculdade Padre João Bagozzi, Brasil, grochareis@gmail.com.
*5 Mestrando em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil, heltonpedagogo@gmail.com, Aprendizagem e Conhecimento na Prática Docente.

Introdução

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo, analisar como se efetiva o trabalho da cultura indígena em sala de aula, sob a ótica dos professores, de maneira que se relacione o cotidiano do estudante às propostas curriculares atuais de atendimento à diversidade cultural indígena, de forma que o aluno possa perceber que a sua vivência está enraizada na cultura indígena.

Por meio de pesquisa bibliográfica, podemos analisar a influência cultural que o povo indígena teve na formação da nossa sociedade, e como alguns de seus costumes estão presentes até os dias atuais, como por exemplo, o costume cultural que temos em tomar banho diariamente; isto vem da cultura indígena. A partir de então, podemos desmistificar muitos preconceitos que herdamos e criamos ao longo do tempo.

Desta forma, tomamos como algo menor a cultura indígena, supervalorizando assim a cultura europeia, pois não fomos educados de forma a conhecer e respeitar outras etnias. Este deveria ser o ponto chave da escola mediadora de conhecimento, educando o

discente, a fim de conhecer, respeitar e valorizar a diversidade e às especificidades de cada cultura.

No desenvolvimento metodológico de pesquisa quantitativa e qualitativa, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e de campo Marconi & Lakatos (1996, 2008), durante o segundo semestre letivo de 2016.

A pesquisa desenvolveu-se em escolas públicas e privadas, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no município de Curitiba/PR, e foram distribuídos um total de vinte questionários, onde se obteve o retorno de quinze questionários respondidos.

Na primeira parte do texto, foi realizada uma pesquisa histórica acerca da influência da cultura indígena no Brasil e também pesquisa em documentos curriculares oficiais, com base nos seguintes autores: Fausto (1996), Cooper (2006), Luporini (2015), e os documentos de orientações curriculares encontrados em Brasil (2008) e Curitiba (2006, 2010). E ainda será discorrido sobre as orientações metodológicas para o professor, com base em Bastos (2005), Freire (1996).

Compondo a interpretação dos dados, apresentamos uma análise para as respostas dos professores no questionário. Dentro deste panorama, questiona-se: porque a escola não trabalha o assunto de forma contextualizada, relacionando a cultura indígena do passado, com nossos costumes do presente, para que o aluno compreenda este processo de transformação, e valorize a cultura indígena de acordo com a sua importância?

Fundamentação Teórica

É evidente que algumas manifestações culturais do povo brasileiro atualmente, tem raiz na cultura indígena. Neste contexto, deve-se haver uma visão diferenciada, valorizando assim a diversidade como consequência desta miscigenação étnica. Ao longo dos séculos a questão indígena foi tratada com estereótipos, sendo referenciado até mesmo como um "selvagem" e primitivo, que necessitariam ser civilizados, senão de nada valiam.

Desde a chegada dos portugueses, com a escravização dos indígenas, até os dias atuais, a cultura indigenista sofre uma intensa regressão e desvalorização, no que se refere

a sua etnia, cultura e costumes. Conforme Fausto (1996), o preconceito aos indígenas existe devido ao choque cultural, pois se trata de um povo com uma cultura muito diferente da nossa sociedade.

Muito do que se conhece hoje tem raiz cultural indígena, tais como, a culinária, o artesanato e ervas medicinais. Sendo assim, se faz necessário que esta cultura seja valorizada, pois trouxe diversas contribuições para a sociedade brasileira.

A partir deste pressuposto histórico, se faz necessário que a escola aborde com clareza o assunto, com uma metodologia eficaz, a fim de resgatar estes conceitos, e trabalhando o assunto de forma contextualizada. Propiciar ao aluno o conhecimento deste processo é acima de tudo oferecer uma reflexão sobre os aspectos históricos, capaz de desenvolver de forma diferenciada uma visão mais ampla sobre o assunto, e a partir de então valorizar de fato o indígena.

Segundo as Orientações Pedagógicas para os Anos Iniciais, (Curitiba, 2010), alguns conteúdos são tratados de forma linear e descontextualizados. Sendo assim, o conteúdo cultural indígena é abordado no dia da comemoração do índio, e de forma, romantizada, como aquele que usa cocar na cabeça, pinta o rosto e o corpo e que dança em círculo, desarticulando assim sua importância histórica e cultural.

A formação da sociedade brasileira: cultura indígena

Pode se observar ao longo de toda história do descobrimento do Brasil, que a chegada dos portugueses estava permeada de interesses econômicos. Como afirma o historiador Fausto (1996) havia muitos territórios desconhecidos, e oceanos inteiros a serem atravessados. Percebiam-se ainda muitos interesses materiais na descoberta por novas terras, como por exemplo: especiarias, usados como condimentos, remédios, perfumarias, e o ouro, que era utilizado na decoração de templos e palácios, e na confecção de roupas.

Segundo Fausto (1996) em março de 1500, uma tropa com 13 navios saía de Portugal, chefiada por Pedro Álvares Cabral, e comandada pela corte portuguesa. Porém

saíram com destino às Índias, mas durante a viagem, em 21 de abril de 1500 avistaram um território, que parecia com a Índia. Somente no dia seguinte a frota ancorou no litoral da Bahia, em Porto Seguro. Quando desceram, viram que não se tratava da Índia, e sim de um território desconhecido. Por este motivo denominaram os habitantes de "índios". Neste período histórico, estima se que o Brasil era habitado por cerca de 2 a 5 milhões de indígenas. Ao desembarcarem em Porto Seguro, se depararam com um povo totalmente desconhecido, e diferente de tudo aquilo que se conheciam até então.

Saviani (2008), afirma que os portugueses encontraram um povo que há séculos habitavam estas terras. Aponta ainda, que este povo vivia em situações semelhantes aos primitivos e conceitua os indígenas como um povo que utiliza coletivamente e exclusivamente dos meios naturais necessários à sua subsistência, e nenhum outro tipo de exploração natural. Estes meios compunham a caça, a pesca, coleta de frutos e plantas.

Já o Caderno Pedagógico da Educação Indígena (2007) classifica os povos indígenas, pela forma de organização social, valores simbólicos, tradições, transmissões de saberes e transmissão cultural.

A partir do descobrimento pelos portugueses, inicia-se então o reconhecimento do novo território, sendo assim, a exploração dos recursos naturais nele encontrados. Porém, segundo Fausto (1996), os europeus apropriaram-se da mão de obra indígena na exploração destes recursos, como exemplo a extração do pau-brasil. Iniciando a partir de então, manifestos sociais dos indígenas, contrários a esta apropriação e exploração europeia do seu território.

Durante o contato dos portugueses com os indígenas, houve um grande choque cultural, devido à diversidade dos dois povos, pois cada um tinha especificidades próprias e interesses diversificados. Por outro lado, Fausto (1996) aponta que para os portugueses, foi possível encontrar aliados indígenas na luta contra os grupos que resistiam ao domínio português e que durante este período histórico, os indígenas foram submetidos a todos os tipos de violência, tanto física, sexual e cultural.

Deste contato do indígena com o europeu, começou-se a resultar numa miscigenação, com traços bem singulares e particulares, na qual podemos observar na nossa sociedade até os dias atuais. Desta forma, inicia-se a formação da sociedade brasileira.

Contextualizando as aprendizagens em sala de aula

De acordo com as Diretrizes Curriculares Municipais da Prefeitura de Curitiba (2006), a aprendizagem histórica ocorre a partir de uma diversificada perspectiva, em função de diferentes contextos para produção de conhecimento. Conceituando assim como a compreensão dos processos históricos, as formações sociais e os sujeitos históricos.

Abordar questões referentes à temporalidade, ou seja, rever o que o homem indígena fez no passado, enquanto seres sociais, para que assim possamos entender o presente. Para Cooper (2006) esta temporalidade refere-se às transformações ocorridas ao longo do tempo, entre elas as semelhanças e diferenças. Segundo as Diretrizes Curriculares Municipais, "O conhecimento histórico é entendido como a compreensão dos processos históricos das formações sociais e a compreensão dos sujeitos históricos" (2006 p.151).

Sendo assim, é de extrema importância contextualizar os fatos, para que a partir de então o aluno perceba que existiram outros povos em nosso território, e que a cultura deste povo enraizou nossos costumes atuais.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais de História – PCN´s (1997) é importante o aluno observar seu meio social, para assim compreender estes aspectos sociais no seu próprio tempo de vida, reconhecendo outros tempos que antecedem o seu.

Cooper (2006) define o pensamento histórico a discussão das causas e efeitos das mudanças ocorridas ao longo do tempo. A aprendizagem histórica é entendida na prática educativa como mediadora do processo de aprendizagem, pois auxilia no desenvolvimento reflexivo e argumentativo a partir da análise dos acontecimentos históricos. Para Cooper (2006) o ponto de partida para esta aprendizagem, é explorar o passado por meio de inferências e contextualização dos fatos. Luporini (2015) afirma que, para investigar este

passado, o aluno deve ter uma ideia prévia do conteúdo, para que assim possa compreender que de alguma forma este passado está presente nas suas relações sociais.

O papel da escola e do professor

Tradicionalmente nosso país é formado por três etnias: brancos, negros e indígenas. Porém dentro das instituições de ensino, a cultura indígena e afro-brasileira não é abordada levando em consideração a sua real importância, sendo então desvalorizada e até mesmo desrespeitada.

As escolas, como fundamentais no processo de formação dos futuros cidadãos devem estar preparadas para abordar a História e a Cultura Afro-Brasileira e Indígena, que passou a ser obrigatória nos currículos escolares desde a implementação da Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008.

Garantir esses temas na Educação Básica é permitir uma aprendizagem baseada no respeito e na valorização das diferentes culturas. Mostrar aos estudantes a importância que os povos indígenas tiveram na formação e na cultura do nosso país, é fazer com que entendam sua própria história, pois são originários desses povos.

Para que a lei seja devidamente cumprida, muita coisa ainda precisa ser mudada, desde a preparação das escolas para incluir esses temas nos seus currículos, a preparação dos professores para obter uma melhor qualificação na sua formação e por último os livros didáticos.

Pode se destacar então como o principal papel do educador enquanto mediador do conhecimento, propiciar ao estudante caminhos para que ele alcance por si só, uma aprendizagem significativa, partindo dos seus conhecimentos prévios, valorizando, construindo e até mesmo desconstruindo ideias.

Bastos (2005) destaca a importância para o professor conhecer as ideias de seus alunos, pois estas podem representar um importante ponto de partida para o mesmo, o que faz com que esta averiguação seja fundamental para que se consiga um ensino mais eficaz.

O professor deve ter consciência que a maioria dos educandos só entrará em contato com estes conteúdos dentro da sala de aula, daí a relevância de obterem este conhecimento de forma correta. Já que infelizmente o que a mídia retrata sobre os indígenas atualmente são apenas brigas por disputas de território.

Freire (1996) destaca que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção. Ou seja, o professor é o mediador do conhecimento, portanto precisa tomar cuidado ao abordar sobre a nossa história, primeiramente não colocando os portugueses como "heróis" do descobrimento, pois quando aqui desembarcaram, nosso território já era ocupado, por povos com costumes próprios e que desde então sofreram profundas modificações.

Outro erro comum é falar dos povos indígenas como seres do passado, apesar do número de indígenas ser muito inferior ao da chegada dos portugueses, eles fazem parte da nossa sociedade atualmente e grande parte da nossa cultura devemos a eles. Ao falar dos indígenas no passado, o professor pode fazer com que os alunos não entendam a sua presença no presente, o que pode acarretar num desinteresse em aprender sobre essa cultura valiosa e significativa para a formação da nossa sociedade.

A formação continuada de professores

A formação continuada é essencial para o professor, pois somente com a formação inicial ele não estará preparado para desenvolver um processo de ensino-aprendizagem de maneira adequada e de qualidade. Ou seja, o papel do professor vai muito além de simplesmente repassar conteúdos, ele precisa estar numa constante busca pelo conhecimento. E sabendo que cada aluno aprende de uma forma, estas práticas devem estar sempre sendo repensadas e aprimoradas.

Hoje em dia, as pessoas recebem informações numa velocidade muito rápida, as crianças que frequentam as escolas, não são as mesmas que as de alguns anos atrás, elas já entram na sala de aula sabendo muitas vezes o que acontece em seu meio e no mundo.

Caberá ao professor usufruir disso, utilizando todo esse conhecimento em benefício da aprendizagem do aluno.

Um bom professor é aquele que está sempre repensando sua prática pedagógica, que procura estar atualizado, aperfeiçoando-se cada vez mais, através de pesquisas e cursos, melhorando sua atuação em sala de aula, preferencialmente, com embasamento científico, pois

> não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino contínuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Freire, 1996, p. 29).

Como cita Freire (1996), a pesquisa é uma ferramenta para o professor considerar em sua formação continuada. O ensino e a pesquisa andam unidos, e se complementam. Pesquisar é reformular algo e transformá-lo em novo.

‘’É importante que os professores busquem sempre a melhoria dos seus métodos, aperfeiçoando-se’’ (Freire, 1996, p. 96). Além de estar sempre em busca de um trabalho diferenciado e de abrir caminhos para que a própria criança construa seu conhecimento, o professor precisa estar disposto a ouvir e a dialogar, só assim entenderá seus alunos e suas necessidades, conseguindo assim atingir seus objetivos.

O professor também deve ter consciência do papel social que exerce, pois, são agentes capazes de transformar uma sociedade, através do ensino e da educação, formando cidadãos mais capacitados e críticos.

Metodologia

Neste trabalho, elaborado através de pesquisa bibliográfica, que de acordo com Marconi & Lakatos (2008), trata-se de um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer informações relevantes relacionadas com o tema. Também se utilizou a pesquisa de campo onde os mesmos autores afirmam que:

> A pesquisa de campo é uma fase realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois é nesta etapa que ele vai definir os objetivos da pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados, tamanho da amostra e como os dados serão tabulados e analisados. (Marconi & Lakatos, 1996).

Para a pesquisa de campo foram entregues 20 questionários, dos quais obteve-se um retorno de 15 respondidos. Este processo decorreu-se no ano de 2016, com professores de escolas públicas e privadas, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no município de Curitiba. Os professores pesquisados, com faixa etária entre 31 e 50 anos, e diferentes graus de formação: 50% graduação, 37% pós-graduação, 10% magistério em nível médio e 3% mestrado/doutorado. Pode-se observar as questões levantadas logo abaixo:

A primeira pergunta do questionário*" Que grau de importância o (a) professor (a) considera estudar sobre a cultura indígena brasileira no ensino fundamental?".* Através dos resultados obtidos na pesquisa, nota-se que 80% dos professores consideram de extrema importância abordar sobre a cultura indígena brasileira, já 20% de média importância. E que apesar do tema ser obrigatório nos currículos do Ensino Fundamental e assegurados pela Lei nº 11.645, ainda assim, não tem como garantir que realmente aconteçam conforme as Orientações Pedagógicas dos Anos Iniciais (2010), de forma contextualizada. Para Cooper (2006) no início da aprendizagem deve-se explorar o passado por meio da contextualização dos fatos, assim farão mais sentido para os alunos.

Já a segunda pergunta: "De que forma o tema "Diversidade cultural indígena" é abordada em sala de aula?". De acordo com os dados coletados por meio dos questionários distribuídos nas escolas, 93% dos professores trabalham a diversidade cultural indígena, abrangendo diferentes metodologias para abordagem do tema. Já 7% dos professores afirmaram que trabalham a sua importância apenas no dia do índio.

A terceira pergunta *"No decorrer da sua prática docente, a diversidade cultural indígena brasileira é abordada e contextualizada de acordo com cotidiano social das crianças?".* Dos pesquisados, todos afirmaram que de alguma forma relacionam o tema contextualizado com a prática social. Percebe-se que a cultura indígena trouxe diversas

contribuições para nossa sociedade tais como: a culinária, artesanato, e ervas medicinais. Sendo assim, o docente pode utilizar na sua prática metodologias que se apropriem da práxis pedagógica, para que assim o aluno compreenda a importância desta cultura, percebendo que a sua vivência de alguma maneira está enraizada na cultura indígena. Desta forma, as Orientações Pedagógicas para os Anos Iniciais (2010) abrange a importância de se trabalhar os conteúdos abordados em sala de aula de forma contextualizada. Segundo Luporini (2015) o educando possa conhecer o passado, para que a partir de então compreender o presente.

Na quarta pergunta: "*Você, na sua prática docente, contribui de alguma forma, a fim de desconstruir esta visão estereotipada do indígena que usa cocar, pinta o rosto, e anda nu?"*. Nas respostas, 87% dos entrevistados afirmaram que sim, já 13% confirmaram que não. O ponto chave para esta discussão é o fato de o professor, na sua prática docente contribuir de maneira relevante, para que assim possa desconstruir esta visão caricaturada do indígena, agregando a esta cultura sua real importância para a vivência humana contemporânea. Segundo o PCN (1997), alguns temas são abordados em sala de aula de forma descontextualizada, por isso percebe-se esta distorção nos conceitos abordados sobre o tema. Desta forma se faz tão necessário que esta visão romantizada do indígena seja desconstruída, e agregando assim a sua real importância, como afirma Fausto (1996), a base da formação da sociedade brasileira, devido ao choque cultural e miscigenação étnica.

E a quinta pergunta: *"Você julga necessário a formação continuada dos docentes, para o trabalho com a cultura indígena em sala de aula?"*. Percebe-se nos dados coletados que 100% dos professores consideram relevante a formação continuada, pois somente com o que aprendem na licenciatura não é suficiente para uma prática pedagógica de qualidade. E a formação continuada pode resultar num aperfeiçoamento, melhorando assim sua prática em sala de aula, já que manter viva a identidade do indígena, não pode ser entendido como um papel fácil de ser cumprido pela escola. Visto que, a construção da cultura de cada grupo social constitui-se historicamente, ele ainda é visto com um olhar de desrespeito e desigualdade, devido ao seu passado de colonização e de escravidão.

A sociedade brasileira é formada por grupos de imigrantes de países diferentes, cada qual tem suas características culturais, que muitas vezes são marcados pelo preconceito e discriminação. O grande desafio da escola é valorizar a conquista da discriminação e reconhecer a riqueza, onde a escola é um local no qual deve se utilizar o diálogo e aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferenças culturais.

Considerações Finais

Por meio de estudos com base nos autores apresentados e na pesquisa de campo verificou-se a importância de se trabalhar a cultura indígena em sala de aula, visto que esta é a base para a formação da sociedade brasileira. Os processos históricos, as formações sociais e os sujeitos aqui compreendidos, são parte que constituem este processo, sendo assim é indispensável que na prática educativa seja proporcionado ao discente um desenvolvimento reflexivo, buscando compreender as formações da sociedade nos períodos históricos, de forma que o aluno se perceba como parte constituinte deste processo.

Averiguou-se ainda que há dificuldade por parte dos professores, em trabalhar de forma significativa os conhecimentos da cultura indígena e suas contribuições para a nossa sociedade. Na pesquisa de campo observa-se que houve contradições nos questionários aplicados, assim resultando em conflitos de informações.

As entrevistadas responderam que o tema é relevante e exige uma formação continuada de qualidade, a fim de esclarecer dúvidas, tendo a consciência de que somente os conteúdos presentes nos livros didáticos são insuficientes para a sua abordagem. Em seguida, com algumas perguntas específicas, nota-se em parte que, não há um conhecimento básico dos documentos oficiais como o PCN (1997) e as Orientações Pedagógicas para os Anos Iniciais (2010).

Com base em pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo, consideramos que há uma falta de conhecimento e/ou interesse em se aprofundar nos documentos para que, na prática educativa o docente possa levar em conta os conhecimentos prévios do aluno, já que o mesmo pode a partir desta mediação, ressignificar o que lhe é apresentado, para que assim o indivíduo perceba que a sua vivência está enraizada na cultura indígena.

Referências

Bastos, F. (20015). *Construtivismo e ensino de ciências.* In: NARDI, R. *Questões atuais no ensino de ciências*. Série Educação para a ciência. São Paulo: Escrituras.

Caderno Pedagógico de Educação Indígena. (2007). Brasília: MEC.

Cooper, H. (2006). Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. *Educar*, (1), 171-190.

Curitiba. (2010). *Orientações Pedagógicas para os Anos Iniciais de 9 anos*. Curitiba/ Paraná: Editoração Eletrônica Fernando Caetano Costa M.E

Diretrizes Curriculares Municipais de Curitiba. (2006). Curitiba. Recuperado em 15 outubro 2017 de http://www.cidadedoconhecimento.org.br/cidadedoconhecimento/downloads/arquivos/3009/download3009.pdf

Fausto, B. (1996). *História do Brasil*. São Paulo: Edusp pp. 13-39

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (7 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Lei 11.645, de 10 de março de 2008. (2008). Brasil. Recuperado em 20 outubro 2017 de http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html

Luporini, T. J. (2015). *Aprender e Ensinar História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental* (1 ed.). São Paulo: Cortez.

Marconi, M.D.A. & Lakatos, E.M. (1996). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed*. São Paulo: Atlas.

Marconi, M.D.A. & Lakatos, E.M. (2008). *Fundamentos de metodologia científica. 6.ed*. São Paulo: Atlas.

Parâmetros Curriculares Nacionais. (1997). Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF.

Saviani, D. (2008). *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Autores Associados.